



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
LICENCIATURA EM FILOSOFIA – FACH**

DANIELA BATISTA ROCHA

**CONSIDERAÇÕES SOBRE A REPRESENTAÇÃO FEMININA A PARTIR DE
CONCEPÇÕES FILOSÓFICAS E CULTURAIS NA GRÉCIA ANTIGA**

**CAMPO GRANDE/MS
2024**

DANIELA BATISTA ROCHA

**CONSIDERAÇÕES SOBRE A REPRESENTAÇÃO FEMININA A PARTIR DE
CONCEPÇÕES FILOSÓFICAS E CULTURAIS NA GRÉCIA ANTIGA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Banca Examinadora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como pré-requisito para obtenção do título de Licenciatura plena em Filosofia.

Orientadora: Profa. Dra. Cristina de Souza Agostini.

**CAMPO GRANDE/MS
2024**

DANIELA BATISTA ROCHA

**A INFLUÊNCIA DAS CONCEPÇÕES FILOSÓFICAS E POÉTICAS DA GRÉCIA
ANTIGA NA CONSTRUÇÃO DAS NORMAS DE GÊNERO NO OCIDENTE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Banca Examinadora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como pré-requisito para obtenção do título de Licenciatura plena em Filosofia.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Cristina de Souza Agostini
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
(Orientadora)

Prof. Dr. Amir Abdala
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
(Membro interno)

Profa. Dra. Jovelina Maria Ramos de Souza
Universidade Federal do Pará
(Membro externo)

Campo Grande, 23 de novembro de 2024

AGRADECIMENTOS

O encontro com o curso de Filosofia foi determinante para que eu pudesse redesenhar a minha história. Os pensamentos dos filósofos aguçaram minha compreensão de mundo, e, ao longo dessa jornada, pessoas especiais estiveram ao meu lado, apoiando e incentivando a realização de mais este sonho.

À minha família, cujo suporte foi imprescindível, em especial ao meu amado marido, Eduardo Cerqueira, e aos meus queridos filhos, Maria Eduarda Rocha e Gabriel Rocha, cuja presença me traz a segurança de um porto seguro, minha gratidão eterna. Também às duas mulheres que foram referências em minha vida, minha mãe Lira Batista e minha irmã Gabriela Rocha.

Aos amigos e companheiros que encontrei nesta trajetória filosófica, e que foram meu combustível para seguir em frente: Anny Sanches, Davi Molina, Paola Bauce, Priscila Zanon, Roberth Carvalho e Wellington Couto, meu sincero agradecimento.

À minha rede de apoio em Campo Grande, formada por grandes mulheres, Gabriela Perozzi, Maria do Rosário de Almeida e Zuleide Sanches, sou profundamente grata pelo suporte e carinho.

E, por fim, mas não menos importante, aos meus estimados professores, Amir Abdala, Cristina Agostini e Ronaldo José Moraca, que me guiaram com sabedoria e dedicação ao longo de todo o curso, minha mais sincera gratidão.

RESUMO

Este trabalho explora as concepções filosóficas e culturais do papel da mulher na Grécia Antiga, analisando como essas ideias foram articuladas por filósofos e poetas, bem como influenciaram a formação de normas de gênero que perduraram ao longo da história ocidental. O objetivo é proporcionar uma compreensão mais profunda das raízes históricas das desigualdades de gênero e contribuir para o debate atual sobre a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. Este estudo adota uma abordagem interdisciplinar, integrando reflexões sobre textos filosóficos, literários e históricos, com o foco nas obras de Hesíodo, Platão, Safo e Eurípides, investigando como seus discursos refletiram e, em alguns casos, desafiaram as normas de gênero da época. Safo, uma das poucas vozes femininas da Antiguidade, evidencia a condição da mulher no período arcaico, onde certo grau de igualdade educacional e cultural permitiu seu florescimento como poeta. Platão, em *A República*, apresenta uma proposta pioneira de educação igualitária, argumentando que homens e mulheres possuem capacidades naturais semelhantes para governar e, portanto, deveriam receber a mesma educação. A literatura e os mitos gregos, como a tragédia *Hipólito* de Eurípides, muitas vezes, associam as mulheres a forças desestabilizadoras, contribuindo para sua marginalização. Ao longo da pesquisa são explorados os impactos dessas concepções antigas na formação de normas de gênero, bem como a forma como essas ideias continuam a ressoar nas discussões contemporâneas sobre igualdade de gênero.

Palavras-chave: Educação feminina. Igualdade de gênero. Representações femininas. Cidadania da mulher.

ABSTRACT

This work explores the philosophical and cultural conceptions of the role of women in Ancient Greece, analyzing how these ideas were articulated by philosophers, poets, and Greek tragedy authors, and how they influenced the formation of gender norms that have endured throughout Western history. The aim is to provide a deeper understanding of the historical roots of gender inequalities and contribute to the current debate on building a more just and inclusive society. This study adopts an interdisciplinary approach, integrating reflections on philosophical, literary, and historical texts, focusing on the works of Hesiod, Plato, Sappho, and Euripides, investigating how their discourses reflected and, in some cases, challenged the gender norms of the time. Sappho, one of the few female voices from Antiquity, highlights the condition of women in the Archaic period, where a certain degree of educational and cultural equality allowed her to flourish as a poet. Plato, in *The Republic*, presents a pioneering proposal for equal education, arguing that men and women possess similar natural capacities to govern and, therefore, should receive the same education. Greek literature and myths, such as Euripides' tragedy *Hippolytus*, often associate women with destabilizing forces, contributing to their marginalization. Throughout the research, the impacts of these ancient conceptions on the formation of gender norms are explored, as well as how these ideas continue to resonate in contemporary discussions on gender equality.

Keywords: Female education. Gender equality. Female representations. Women's citizenship.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1. REPRESENTAÇÃO DA MULHER NA ANTIGUIDADE	11
1.1 SAFO, A POETA DA GRÉCIA ARCAICA.....	17
1.2 A REPRESENTAÇÃO TRÁGICA DA MULHER	21
1.3 A MULHER NA TRAGÉDIA <i>HIPÓLITO</i> , DE EURÍPIDES	23
2. A EDUCAÇÃO DE HOMENS E MULHERES NO LIVRO V DA REPÚBLICA E SUAS IMPLICAÇÕES	25
2.1 A DISCUSSÃO DA EDUCAÇÃO DA MULHER NA GRÉCIA ANTIGA	29
2.2 O IMPACTO DURADOURO NA HISTÓRIA E CULTURA.....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	37

INTRODUÇÃO

A Grécia Antiga, reconhecida como o berço da civilização ocidental, foi um período de inovação intelectual, cultural e filosófica que moldou profundamente as concepções subsequentes de sociedade, ética e gênero. Durante esse período, que se estende aproximadamente entre os séculos VI a.C. e IV a.C., emergiram as bases do pensamento filosófico que influenciariam o mundo ocidental por milênios. No entanto, ao mesmo tempo em que florescia uma cultura de profundo questionamento e busca por conhecimento, as mulheres na Grécia Antiga viviam sob restrições sociais que limitavam severamente suas oportunidades de participação intelectual e cívica.

Este trabalho tem como objetivo investigar e refletir sobre as concepções filosóficas e culturais do papel da mulher na Grécia Antiga, explorando como essas ideias foram articuladas por filósofo como Platão e como foram representadas na literatura e nos mitos gregos. A análise se concentrará em como esses discursos filosóficos e culturais contribuíram para a formação de normas de gênero que deixaram um impacto duradouro na história ocidental.

Platão, em sua obra *A República*, apresenta uma das primeiras propostas de educação igualitária entre homens e mulheres, argumentando que ambos os sexos possuem as mesmas capacidades naturais para governar e, portanto, deveriam receber a mesma educação (Pl. R. vv. 454d–455b). Conforme pode ser observado no diálogo de Sócrates, ao buscar o conceito de justiça e, por conseguinte, ao desenho da cidade ideal, em que homem e mulher possuem a mesma natureza e, assim, devem receber a mesma educação [...] “Se, portanto, exigimos das mulheres os mesmos serviços que dos homens, devemos formá-las nas mesmas disciplinas” (Pl. R. v. 452a). Ora, a construção do conceito da cidade ideal exposto por Sócrates no que tange à política, à ética e à propriedade privada - temas importantes levantados pelo filósofo – é bastante contrária aos costumes do século V a.C., tal como as fontes antigas testemunham.

Aristóteles, por outro lado, oferece uma visão mais tradicional e amplamente influente sobre o papel das mulheres, argumentando que a natureza as destinou a funções específicas, principalmente domésticas, e que sua educação deveria refletir essa realidade (Arist. Pol. v. 1254b). Essas ideias filosóficas, ao serem transmitidas e reinterpretadas ao longo dos séculos, consolidaram uma visão de gênero que relegou as mulheres a uma posição secundária na sociedade.

No entanto, a pesquisa das passagens do livro V relativas à natureza feminina pode

servir na fundamentação do papel da mulher hoje, bem como ajudar a tecer uma avaliação das contradições que a elas são atribuídas, aspectos que ainda repercutem em nossa sociedade ocidental. Com efeito, minha análise não consiste em utilizar os conceitos da Antiguidade de maneira anacrônica, com o propósito de examinar os fatos atuais, mas, sim, resgatar um discurso em uma sociedade antiga e, sob esta perspectiva, avistar no contexto filosófico grego clássico a construção do papel da mulher na sociedade, em igualdade ao que é desempenhado pelo homem.

Além dos textos filosóficos, a literatura e os mitos gregos também desempenharam um papel crucial na construção e perpetuação das normas de gênero. Obras como a tragédia *Hipólito* de Eurípides exploram as ansiedades e os preconceitos da sociedade grega em relação às mulheres, associando-as frequentemente a forças desestabilizadoras e caóticas (E. Hipp. vv. 620–650). Essas representações literárias não só refletiam as normas sociais da época, mas também as reforçavam, contribuindo para a marginalização contínua das mulheres na vida intelectual e cívica.

Outro exemplo significativo é a poesia lírica de Safo, uma das poucas vozes femininas da Grécia Antiga que sobreviveram. Embora seus poemas muitas vezes explorem temas de amor e desejo, eles também oferecem uma perspectiva única sobre as experiências e emoções das mulheres, contrastando com as representações masculinas predominantes. A obra de Safo nos permite vislumbrar uma forma de expressão feminina que, apesar das limitações impostas pela sociedade, conseguiu se afirmar e influenciar a literatura ocidental subsequente (RAGUSA, 2005).

A reflexão a respeito dessa temática vem em consonância com lutas ainda atuais por meio do recorte filosófico platônico da sociedade helênica de seu tempo, como base ou ponto de partida para debates e críticas relevantes em torno dos conflitos que conduzem as estruturas problemáticas para a mulher no tempo presente.

Este estudo utilizará uma abordagem interdisciplinar, integrando a análise de textos filosóficos, literários e históricos com perspectivas críticas contemporâneas. Ao longo dos capítulos, será explorado as concepções antigas na formação de normas de gênero que perduraram ao longo da história, e como essas ideias continuam a ressoar e influenciar as discussões contemporâneas sobre igualdade de gênero. Com isso, pretende-se esboçar, por meio do debate socrático¹ a busca da igualdade entre homens e mulheres, em uma das obras mais

¹ Nesta seção do diálogo no Livro V, a argumentação utilizada por Sócrates ocorre a partir da comunhão dos bens

relevantes da cultura ocidental, escrita há mais ou menos 385 anos a.C. cujas argumentações e complexidades do pensamento platônico são exacerbadas. Certamente, o diálogo *República* prioriza o coletivo e o bem público e este só pode ser pensado com o questionamento acerca da própria natureza do homem e da mulher.

Portanto, este trabalho visa não apenas abordar as reflexões filosóficas e culturais sobre o papel da mulher na Grécia Antiga, mas também compreender o legado dessas ideias e suas implicações duradouras. Ao investigar como os discursos filosóficos e literários moldaram as percepções de gênero, espera-se contribuir para uma compreensão mais profunda das raízes históricas das desigualdades de gênero e das possibilidades de superação dessas barreiras em direção a uma sociedade mais justa e inclusiva.

entre os que governam e a igualdade da educação entre homens e mulheres da classe guardiã, debate essencial para construção do conceito de justiça (Pl. R. 449a- 451e).

1. REPRESENTAÇÃO DA MULHER NA ANTIGUIDADE

O poema *Os trabalhos e os dias* de Hesíodo, juntamente com os poemas homéricos, constituem-se como um dos pilares da Paidéia grega, trazendo a voz do poeta educador que canta os percalços da vida do homem adulto, buscando a sistematização de uma sociedade essencialmente agrícola cujo trabalho é o motor de seu sustento (HESÍODO, 1970).

Hesíodo é o poeta inspirado por Musas que ensina as causas pelas quais o trabalho é essencial para a manutenção da ordem de um mundo que nada fornece gratuitamente aos humanos. Para isso, ele instrui sobre o trabalho e a justiça, e apresenta os mitos de Prometeu e Pandora, a fim de demonstrar o sofrimento proveniente do trabalho como resultado da vingança de Zeus contra os homens.

A narrativa dos mitos de Prometeu e Pandora aponta o afastamento entre os deuses e a humanidade. Na mítica grega a ênfase do relato de Prometeu em *Os trabalhos e os dias* de Hesíodo oferece informações valiosas sobre as interações entre deuses e mortais, bem como sobre o significado do conhecimento na existência humana.

A figura de Prometeu emerge como um personagem complexo e compassivo, cujas ações desempenham um papel crucial na relação entre deuses e homens: conhecido pela sua astúcia e inteligência, desafia abertamente a autoridade de Zeus ao roubar o fogo dos deuses e entregá-lo aos humanos, por várias razões profundas. Primeiramente, ele percebe que os homens estão à mercê de Zeus para obterem suas necessidades mais básicas como luz, calor e segurança. Ao privar os mortais do fogo, Zeus mantém controle sobre eles, reforçando, assim, sua posição de supremacia divina. Prometeu, movido pela compaixão aos mortais, decide intervir, proporcionando-lhes o fogo como um presente vital que lhes permite prosperar e se desenvolver.

Ao fornecer o fogo aos mortais, Prometeu capacita-lhes com habilidades anteriormente exclusivas dos deuses. A atitude de Prometeu em roubar o fogo de imortais e entregá-lo aos humanos é motivada não apenas pela compaixão, mas também por um profundo senso de justiça.

Filho de Jápeto, mais que todos fértil em planos,
alegras-te de ter roubado o fogo e enganado minha inteligência,
o que será uma grande desgraça para ti próprio e para os homens futuros.
Para compensar o fogo lhes darei um mal, com o qual todos
se encantarão em seu espírito, abraçando amorosamente
seu próprio mal. (Hes. Op. v. 55)

Como citado acima, isso representa um ato de insubordinação contra a ordem divina estabelecida por Zeus, já que os deuses consideravam o fogo como sua prerrogativa exclusiva. A atitude desafiadora de Prometeu provoca a ira de Zeus, que vê esse ato como uma afronta direta à sua autoridade e posição de supremacia divina. Zeus não apenas vê o fogo como propriedade dos deuses, mas também percebe o ato de Prometeu como uma ameaça à sua própria governança sobre os mortais.

Assim, a punição a Prometeu é uma resposta à transgressão e desobediência. A imagem de Prometeu acorrentado a uma rocha, enquanto uma águia devora seu fígado diariamente, é um lembrete sombrio do poder e da vingança divina. A dor contínua e a tortura de Prometeu destacam a magnitude da ira de Zeus e a severidade de sua punição. Essa cena serve como um aviso aos mortais sobre as consequências de desafiar a autoridade dos deuses e desrespeitar a ordem divina².

Por conseguinte, na obra de Hesíodo, o mito de Pandora emerge como uma representação complexa da mulher na Antiguidade grega. Pandora, cujo nome deriva de "Pan", significando "todo", e "dorôs", que evoca "dom" ou "presente", é apresentada como a primeira mulher, meticulosamente esculpida pelos deuses.

Encolerizado com o feito prometeico, Zeus concebe Pandora como castigo para os humanos aprenderem e não ousar a desafiar novamente os deuses. A sua fabricação foi modelada repleta de artimanhas. Apesar de Pandora ser aparentemente bela, trazia consigo um jarro que continha todos os males e uma singela esperança. Dotada de todos os atributos e encantos divinos, ela personifica a perfeição feminina, mas sua origem é marcada pela intenção sombria dos deuses. Ao ser moldada, Pandora não é apenas uma criação divina, mas sim um artefato planejado especificamente como um presente carregado de consequências para a humanidade³.

² Em Prometeu Acorrentado, Ésquilo retrata a condição de Prometeu atado a uma rocha, com o fígado sendo ingerido diariamente por uma águia (A. Pr.).

³ Hesíodo utiliza uma combinação de linguagem poética, temas narrativos, simbolismo e a distinção entre imortalidade e mortalidade para diferenciar claramente os deuses dos humanos em seus poemas. Essa distinção é fundamental para entender a cosmogonia e a teologia da Grécia Antiga, onde os deuses são vistos como seres poderosos e eternos, enquanto os humanos são mortais e sujeitos às forças da natureza e à vontade divina. No poema *Os trabalhos e os dias*, Hesíodo apresenta as mulheres como uma nova estirpe projetada pelos deuses, distinta da humanidade masculina original.

Hesíodo retrata Pandora não como uma simples mulher, mas como uma figura carregada de simbolismo e significado, representando não só a beleza e a feminilidade, mas também a curiosidade, a astúcia e até mesmo a inquietação humana. A narrativa hesiódica sugere que Pandora não é apenas uma vítima inocente, mas sim uma peça essencial no jogo dos deuses, uma ferramenta na execução de sua vontade. Seus "dons" não são apenas presentes benignos, mas sim uma armadilha ardilosa, contendo males terríveis destinados a afligir a humanidade. Essa dualidade na natureza de Pandora reflete a ambiguidade e a complexidade das relações entre deuses e mortais na mitologia grega.

Hefesto, o ínclito coxo, presto modela da terra
o ídolo: donzela no aspecto, pela vontade de Zeus.
Guarnece com um cinto e a adorna Atena de olhos glaucos.
As Graças divinas e a suprema Persuasão,
põem colares dourados em torno do colo.
Coroam-lhe com flores primaveris
em torno da testa as Horas de belos cabelos.
Palas Atena ajusta toda beleza ao colo.
Então o mensageiro argifonte incute no peito a fala falsa,
o engano e o caráter dissimulado. Por vontade de Zeus trovejante.
Voz acrescenta o arauto dos deuses e nomeia a mulher:
Pandora! Pois todos os deuses que habitam olímpias moradas
deram-lhe dom, pena aos homens que comem pão (Hes. Op. vv.70-75).

Deste modo, o mito de Pandora, conforme apresentado por Hesíodo abarca temas como a natureza e condição humanas e a relação entre os sexos diante das forças divinas. É uma história de beleza e tragédia, de esperança e desespero, que ecoa através dos tempos como um reflexo profundo da experiência de homens e mulheres.

A análise do cenário do mito de Pandora faz-se necessária porque nele é introduzida uma nova estirpe: a mulher. Nesta passagem, é delineado um quadro da nova linhagem na antiguidade, destacando a concepção da mulher como a origem de todas as aflições dos homens no mundo:

Antes, de fato, as tribos dos humanos viviam sobre a terra
sem contato com males, com o difícil trabalho
ou com penosas doenças que aos homens dão mortes.
Rapidamente em meio à maldade envelhecem os mortais.
Mas a mulher, removendo com as mãos a grande tampa de um jarro,
espalhou-os, e preparou amargos cuidados para os humanos.
Sozinha ali ficava a Antecipação, na indestrutível morada,
dentro, abaixo da boca do jarro, e para fora não
voou. Pois antes baixou a tampa do jarro
por vontade de Zeus que ajunta nuvens, o detentor da égide.
Mas outras incontáveis tristezas vagam entre os homens.
Na verdade, a terra está cheia de males, cheio o mar;
doenças para os humanos, algumas de dia, outras à noite,
por conta própria vêm e vão sem cessar, males aos mortais levando
em silêncio, já que privou-as de voz Zeus sábio (Hes. Op.vv.90-100).

No poema de Hesíodo *Os trabalhos e os Dias*, além de apresentar normas, educação e justificar a origem do trabalho para os homens, pode-se dizer também o que caracteriza uma narrativa da representação da mulher na antiguidade, posto que inaugura a partir de Pandora uma nova linhagem de gênero e de natureza diferente da do homem. Juntamente com ela advêm os males e infortúnios da humanidade. No entanto, essa nova estirpe é expressa como um ser ambíguo que ao mesmo tempo pode ser um mal ou um bem para a vida do homem.

E a mulher será ainda ambígua, pois o engano de Zeus fez com que ela parecesse um bem, enquanto na verdade era um mal, mas tanto na *Teogonia*, e principalmente neste poema (603-12), quanto nos *Erga*, em menor escala (405-7), a mulher bem escolhida é considerada como um bem que alivia a dureza da vida (HESÍODO, 1970).

A primeira mulher funda a entrada do homem no ciclo do devir, todavia é sob a perspectiva da existência de Pandora, a primeira mulher, que marca um ponto crucial no tecido da existência humana. Sua chegada não apenas sinaliza a entrada da humanidade no ciclo inescapável de mudanças e desafios, mas também serve como um ponto focal para a compreensão da sociedade antiga e sua influência na formação da civilização ocidental.

O mito de Pandora, conforme delineado por Hesíodo, é uma narrativa profundamente enraizada na configuração da figura feminina. Pandora é retratada como uma criatura de beleza e mistério, cuja curiosidade inata a leva a desafiar advertências divinas ao abrir um jarro proibido. Este jarro, contendo todos os males e adversidades conhecidos, bem como a esperança, torna-se um símbolo poderoso das complexidades da condição humana.

A decisão de Pandora de abrir o jarro, apesar de ser explicitamente instruída a não o fazer, é interpretada como uma manifestação da natureza feminina, frequentemente associada à curiosidade e à tentação irresistível. Essa interpretação sugere uma visão da mulher como agente de mudança e como sujeita à influência das forças externas. Ao mesmo tempo, a presença de Pandora na mitologia grega serve como uma reflexão sobre as percepções sociais da feminilidade na antiguidade. Seu papel como portadora de males e esperança destaca as ambiguidades e contradições atribuídas ao gênero feminino, o que sugere uma visão mais ampla das relações entre homens e mulheres na sociedade antiga.

A narrativa de Pandora em Hesíodo sobressai a simples explicação de um evento mitológico. Ela envolve camadas de significado cultural, social e psicológico, oferecendo uma visão intrigante sobre a condição humana e o seu lugar no mundo em constante transformação (HESÍODO, 1970).

Nesse sentido, é proveitoso considerar como a Paidéia grega foi delineada possuindo como um de seus elementos a mulher enquanto figura que revela a fúria de Zeus para os homens. O ponto crucial está em considerar a representação da mulher como um elemento significativo que desvela as complexidades desse período. É enriquecedor explorar a representação da mulher como um elemento intrínseco, que ecoa as complexidades das relações divinas e humanas na mitologia, como em *Teogonia*:

Após ter criado belo o mal em vez de um bem
 levou-a lá onde eram outros Deuses e homens
 adornada pela dos olhos glaucos e do pai forte.
 O espanto reteve Deuses imortais e homens mortais
 ao virem íngreme incombátível ardil aos homens.
 Dela descende a geração das femininas mulheres.
 Dela é a funesta geração e grei das mulheres,
 grande pena que habita entre homens mortais,
 parceiras não da penúria cruel, porém do luxo.
 (Hes. Th. vv. 585–590)

Nessa jornada, encontramos a figura feminina como uma peça essencial, moldada pela ideia dos antigos poetas e filósofos para expressar não apenas sua própria natureza, mas também os caprichos e a ira dos deuses. Nessa teia de narrativas, os mitos gregos oferecem um panorama vívido da interação entre o divino e o mortal, em que a mulher muitas vezes se destaca como uma ponte entre esses dois mundos. Ela é retratada como portadora de mensagens divinas, ora como instrumento de punição, ora como emissária da benevolência dos deuses. Afrodite é quem vai para a grei de deuses e que dá a mulher esse encanto enganador que ludibria os homens:

Eros acompanhou-a, desejo seguiu-a belo,
 tão logo nasceu e foi para a grei dos deuses.
 Esta honra tem dêos o começo e na partilha
 coube-lhe entre homens e deuses imortais.
 As conversas de moças, os sorrisos, os enganos,
 O doce gozo, o amor e a meiguice. (Hes. Th. vv. 201-206)

A mulher na mitologia grega encarna uma multiplicidade de papéis e significados, refletindo as complexidades da condição humana e divina. Ela é tanto fonte de sabedoria e inspiração quanto destruidora e provocadora de desgraças. Seu papel como mediadora entre os deuses e os mortais destaca sua importância na cosmologia e na moralidade da Grécia antiga, enquanto suas interações com figuras como Zeus revelam não apenas a fúria divina, mas também a fragilidade e a incapacidade dos seres humanos diante das forças cósmicas.

Há evidências textuais⁴ de que as mulheres aristocratas, em Atenas no século V a.C., estavam predominantemente confinadas ao *oikos* (casa), onde eram responsáveis pela administração doméstica e obedeciam às regras impostas pelos homens, que frequentemente as objetificavam, ou seja, mulher como um objeto, um ser subordinado aos discursos e necessidades masculinas. Hesíodo apresenta a mulher como indispensável para a continuidade da espécie humana e também a descreve como fonte de tentação e sedução para os homens. Isso pode levar a uma leitura da obra que sugere uma visão negativa da mulher, como um ser sem valor próprio, como um objeto de desejo a ser utilizado pelos homens.

Conforme apresentado no livro *Fragmentos de uma Deusa*, "[...] isso porque os gregos consideravam a mulher, dentre outras coisas, um ser volúvel, sem capacidade de controlar seus impulsos, vulnerável aos ataques de desejo, da paixão" (RAGUSA, 2005, p. 58). Essa visão sobre a mulher como uma figura de caráter fluido e amorfo, associada à procriação e à natureza imprevisível, é reforçada no poema *Os Trabalhos e os Dias*, de Hesíodo, em que ele descreve a criação de uma nova estirpe, a saber, a estirpe de mulheres destinadas a punir os homens.

Essa perspectiva histórica e literária evidencia como a percepção da mulher na antiguidade grega estava intrinsecamente ligada a uma condição que a colocava entre o temor e a necessidade de ser controlada. Hesíodo, por meio de sua obra, não apenas reflete essas concepções, mas também contribui para a sua perpetuação. A análise dessas fontes nos oferece uma compreensão mais profunda das dinâmicas de gênero e do papel subjugado atribuído às mulheres, que ainda ressoam atualmente em estudos contemporâneos sobre a antiguidade clássica.

Ademais, ao examinar a figura feminina por meio das lentes dos poetas e pensadores gregos, percebemos que o espaço concedido às mulheres, tanto no âmbito doméstico quanto no imaginário coletivo, era limitado e controlado, reforçando uma narrativa de desigualdade, fundamentada na natureza, que ainda hoje faz parte de discursos de alguns agentes, sobretudo os religiosos. Este entendimento é crucial para desvendar as raízes históricas das questões de gênero e para refletir sobre a evolução (ou a falta dela) das concepções sobre o papel das mulheres na sociedade.

Considerando-a um ser de diferente natureza da do homem, o que evidencia a exclusão das mulheres da cultura e da educação, projetando a mulher para ocupações no interior da casa,

⁴ Os Diálogos e tragédias, por exemplo, situam as mulheres no ambiente doméstico.

este delineamento do poema traz a da pronúncia de um saber, uma narrativa consagrada por meio do mito, cristalizando o paradigma da mulher.

1.1 SAFO, A POETA DA GRÉCIA ARCAICA

A perspectiva do período arcaico, na Grécia, em relação à mulher é uma temática complexa que, ao ser examinada por meio dos fragmentos das obras de Safo, oferece compreensão mais aprofundada da condição feminina na sociedade grega antiga. Sob a perspectiva do livro *Fragmentos De Uma Deusa - a Representação De Afrodite Na Lírica De Safo*, de Giuliana Ragusa (2005), é possível mergulhar em elementos que compõem a representação da mulher na poesia métrica sáfica.

Em seus versos, a erudição de Safo se manifesta na sofisticação de sua forma poética, na profundidade emocional de sua lírica e na habilidade de interligar tradições míticas com experiências pessoais. Seu tratamento de Eros, em particular, oferece uma visão complexa do amor, revelando tanto as alegrias quanto as dores desse sentimento universal.

De flóreo manto furta-cor, ó imortal Afrodite,
 filha de Zeus, tecelã de ardis, suplico-te:
 não me domes com angústias e náuseas,
 veneranda, o coração,
 mas para cá vem, se já outrora
 a minha voz ouvindo de longe me
 atendeste, e de teu pai deixando a casa
 áurea a carruagem
 atrelando vieste. E belos te conduziram
 velozes pardais em torno da terra negra
 rápidas asas turbilhonando, céu abaixo e
 pelo meio do éter. (Sapph. Fr.1 v).

No trecho acima do fragmento 1, Ode à Afrodite, conseguimos apreciar como Safo utiliza de suas habilidades poéticas para capturar a essência dessa experiência humana universal. A escolha de palavras, o ritmo e a métrica de seus versos criam uma atmosfera que transmite a intensidade de Eros. Ao fazer isso, ela não apenas reflete a sabedoria popular de sua época, mas também a amplia, oferecendo uma perspectiva intimamente ligada às suas próprias experiências e observações.

A importância da erudição de Safo para a época reside em sua capacidade de sintetizar e expressar emoções complexas de maneira lírica e acessível. O seu trabalho foi inovador porque trouxe uma voz feminina potente e pessoal para um domínio literário que era, até então,

dominado principalmente por homens. A forma como ela aborda temas como o amor e a loucura influenciou profundamente a poesia lírica subsequente e destacou a profundidade emocional e intelectual que as mulheres poderiam trazer à literatura. Safo representa uma figura feminina arcaica que contrasta fortemente com os estereótipos das mulheres na Grécia antiga, enquanto muitas mulheres eram retratadas como passivas e subordinadas (SAFO, 2003).

Conforme já abordado, no âmago da Grécia arcaica, a representação feminina emergia frequentemente marcada por estereótipos que delineavam as mulheres como seres volúveis, carentes de autodomínio diante de seus impulsos e suscetíveis às arrebatadoras ondas de desejo e paixão. Este quadro estigmatizado impregnava as narrativas literárias, projetando uma visão da mulher vinculada a uma natureza fluida, amorfa e mutável, especialmente quando exploramos a esfera vital da procriação.

A proeminência desse estereótipo nas representações culturais da Grécia arcaica suscita uma reflexão crítica sobre como tais concepções moldaram não apenas a literatura da época, mas também os papéis e percepções sociais atribuídos às mulheres. O discurso dominante, que retratava a mulher como um ser vulnerável e descontrolado, não somente refletia, mas possivelmente contribuía para a manutenção de estruturas sociais que relegavam as mulheres a posições subalternas.

No entanto, especialmente em regiões como a ilha de Lesbos, ressalta a complexidade do tema devido à escassez de evidências, a questão da educação das mulheres se destaca como um ponto crucial de investigação. A existência de poetas como Safo sugere que, pelo menos para algumas mulheres, havia acesso à instrução em leitura e escrita. Isso implica que, embora a educação feminina não fosse amplamente documentada, as habilidades literárias dessas poetas indicam que certas mulheres não só eram educadas, mas também utilizavam seus conhecimentos para expressar-se e influenciar culturalmente seu meio como apresentado por Ragusa:

Não é fácil avaliar qual a situação social da mulher na Grécia arcaica, um mundo culturalmente bastante regionalizado. Mais complexo ainda, diante da falta de evidências, é avaliar qual seria o quadro apresentado pela ilha de Lesbos. Entre as indagações que o assunto suscita, uma aparece saltar à frente de todas: como era a educação das mulheres? Elas eram ensinadas e a ler e escrever? Se sim, as poetas como Safo faziam uso dessas habilidades? (RAGUSA, 2005, p.62)

Ao adentrarmos na obra de Safo, a poetisa desafia certas convenções ao abordar a complexidade da feminilidade. Somos confrontados com um contraponto a essas visões

estereotipadas, os escritos preservados ao longo dos séculos oferecem um vislumbre singular das dinâmicas e abordagens da poetisa em relação à mulher em sua época.

Essa abordagem crítica nos impulsiona a questionar não apenas a representação literária da mulher, mas também a relação intrínseca entre a construção desses estereótipos e as estruturas sociais vigentes. Como a perpetuação dessas imagens influenciava a autonomia e as oportunidades reais das mulheres na sociedade arcaica? Em que medida a literatura não apenas refletia, mas também moldava as normas de gênero, consolidando assim a visão predominante sobre a feminilidade?

Safo, uma figura aristocrática que desafiava as convenções sociais ao escrever textos de cunho erótico, apresenta-se como um ponto fora da curva na representação feminina da época. Seus poemas, que frequentemente envolviam outras mulheres em contextos afetivos e eróticos, provocaram especulações e debates ao longo dos séculos. A singularidade da obra de Safo, conforme destacada por Ragusa (2005, p. 70), reside não apenas na natureza erótica, mas na capacidade da poetisa de apresentar uma perspectiva feminina em um ambiente predominantemente masculino.

Ao invocar Afrodite, Safo parece demonstrar a capacidade da mulher de deliberar sobre Eros, este complexo desejo e força da natureza que afeta todos os sentidos. E que diferentemente da imagem das mulheres na época, tidas como volúveis e dominadas pelas paixões, Safo parece apresentar uma consciência e ao mesmo tempo uma crítica sobre como Eros a afeta e, portanto, roga ajuda aos deuses. Dessa forma, Safo não apenas exemplifica a possibilidade de educação feminina, mas também a capacidade de uma mulher educada de influenciar e desafiar as normas culturais do seu tempo.

Parece-me ser par dos deuses ele,
 O homem, que oposto a ti
 Senta e de perto tua doce fa-
 -la escuta,
 e tua risada atraente. Isso, certo,
 no peito atordoa meu coração;
 pois quando te vejo por um instante,
 então fa-
 lar não posso mais,
 mas se quebra minha língua, e ligeiro
 fogo de pronto corre sob minha pele,
 e nada veem meus olhos, e zum-
 bem meus ouvidos,
 e água escorre de mim, e um tremor
 de todo me toma, e mais verde que a relva
 estou, e bem perto de estar morta
 pareço eu mesma.
 Mas tudo é suportável, já que mesmo um pobre... (Sapph. Fr. 31v).

O século VI a.C. marca um momento crucial na história grega, com a ascensão da *pólis* e o desenvolvimento de sistemas políticos e sociais mais complexos. Nesse contexto, Safo, pertencente à aristocracia, expande o papel das mulheres na literatura ao retratar Afrodite, a deusa do amor e da beleza, em sua lírica. A representação de Afrodite, conforme analisada por Ragusa, oferece indícios valiosos sobre as ocupações e a condição social das mulheres na sociedade arcaica.

A questão crucial que se coloca é se as mulheres gregas tinham acesso à educação formal, o que poderia incluir a habilidade de ler e escrever. Este debate adquire relevância ao considerarmos que, mesmo em sociedades antigas, como a grega, a educação era frequentemente orientada para preparar as mulheres para papéis específicos na vida doméstica e social, particularmente as jovens aristocráticas. O caso de Safo, como uma poetisa em um ambiente aristocrático, levanta questionamentos sobre a possibilidade de ela ser uma exceção ou se sua existência sugere uma diversidade de experiências femininas não devidamente documentadas.

A representação de Afrodite na lírica de Safo, ao ser analisada em conjunto com a especulação sobre as ocupações e a educação das mulheres na Grécia arcaica, proporciona uma abordagem diversificada sobre a condição feminina. Afrodite, como deusa do amor, surge como uma figura que transcende os estereótipos convencionais da mulher na sociedade grega, indicando a complexidade das experiências femininas e desafiando as noções preconcebidas sobre o papel da mulher na antiguidade.

Ao aprofundarmos a reflexão sobre a condição da mulher na Grécia arcaica com base nos fragmentos das obras de Safo e na análise de Ragusa, somos levados a uma compreensão mais rica das dinâmicas de gênero da época. A singularidade da voz de Safo e a representação de Afrodite oferecem um contraponto às narrativas dominantes, destacando a diversidade e a complexidade das experiências femininas na antiguidade grega. Essa abordagem mais detalhada proporciona percepções valiosas para o entendimento das raízes históricas das concepções de gênero e abre caminho para uma análise mais crítica das narrativas que moldaram a visão da mulher na sociedade antiga.

1.2 A REPRESENTAÇÃO TRÁGICA DA MULHER

A tragédia grega, fundamentada nos mitos e heróis das cidades, bem como nas intrincadas tramas conflituosas, proporcionava ao público uma imersão nas paixões humanas. As identidades retratadas nessas produções não apenas cativavam o espectador, mas também desempenhavam um papel crucial no progresso da sociedade da época. Para além do fascínio que os personagens exerciam sobre a audiência, a tragédia grega delineava implicitamente um modelo de comportamento para as mulheres. As representações femininas nesse contexto não eram meras figuras decorativas, mas desempenhavam um papel significativo na narrativa, contribuindo assim para a construção e reflexão sobre as normas sociais e as expectativas em vigor, como comentado por Foley:

Ao mesmo tempo, a tragédia prefere genericamente representar situações e comportamentos que, pelo menos inicialmente, invertam, perturbem e desafiem os ideais culturais. Embora muitas personagens femininas na tragédia não violem as normas populares de comportamento feminino, aquelas que agem, e especialmente aquelas que falam publicamente e no seu próprio interesse, representam o maior e mais intrigante desvio da norma cultural⁵ (FOLEY, 2003, p.4, tradução própria).

Na antiguidade, a mulher tinha um papel bastante definido na sociedade, principalmente na sociedade grega, em que as mulheres eram criadas para serem esposas e mães dedicadas aos cuidados da família e do lar. A representação da mulher na tragédia grega reflete uma sociedade de homens que não permitia às mulheres um papel público e relevante. Embora a presença das mulheres nos mitos gregos fosse ampla, suas representações se dão quase sempre como personagens secundárias, servas, mães ou esposas (FOLEY, 2003; MANTOVANELI, 2011; RAGUSA, 2005).

Na tragédia, as personagens femininas geralmente são colocadas em posições marginais e excepcionais à norma cultural, como sugere Foley (2003) em seu livro *Female Acts in Greek Tragedy*. As mulheres que agem e falam publicamente, como Electra em *Electra* de Sófocles, representam um desvio dos ideais culturais e, portanto, estão sujeitas à punição ou morte. As mulheres são geralmente representadas como emocionais, frágeis e dependentes dos homens. A maioria das personagens femininas não contribuem ativamente para o desenrolar da história, mas sim como objetos de desejo ou disputa masculina.

⁵ At the same time, tragedy generically prefers representing situations and behavior that at least initially invert, disrupt, and challenge cultural ideals. Although many female characters in tragedy do not violate popular norms for female behavior, those who take action, and especially those who speak and act publicly and in the cultural norm” (Foley, 2003, p.4).

No entanto, alguns personagens femininos são mais complexos e representam um desvio das normas culturais, como Medeia na tragédia homônima, de Eurípides. Medeia, uma mulher estrangeira é personagem enigmática e controvertida. Ela é representada como forte e determinada, que busca vingança contra seu marido pelo abandono e humilhação. Medeia é uma personagem que desafia os ideais culturais ao escolher agir em vez de permanecer passiva diante de uma situação que a deixou impotente (FOLEY, 2003).

Embora a princípio, possa pensar-se que a representação da mulher na tragédia grega refletia a sociedade antiga, em que as mulheres eram vistas como inferiores e subordinadas aos homens, de fato, a tragédia também oferece um espaço para desafiar as normas culturais e questionar as representações estereotipadas. As personagens femininas que desafiavam a norma cultural eram retratadas em situações de conflito intenso, punição e sofrimento, ainda assim, eram personagens que possuíam uma voz própria e moldavam o curso da história

De acordo com Foley (2003), a representação do gênero feminino na tragédia clássica cumpre duas funções primordiais que são intrinsecamente ligadas à ética e à estrutura social da época. Em primeiro lugar, as personagens femininas são utilizadas para explorar e problematizar questões delicadas e complexas enfrentadas pelos homens, ao mesmo tempo em que estas problemáticas são refletidas e dramatizadas através da perspectiva feminina. Esta abordagem permite que temas como o poder, a honra e o destino sejam examinados de maneira indireta, mantendo o foco do público masculino.

Em segundo lugar, as representações femininas nas tragédias frequentemente subvertem ou distorcem as normas culturais vigentes de maneira sutil. Estas inversões não são meramente acidentais, mas deliberadas, servindo tanto para censurar quanto para ilustrar comportamentos e atitudes que poderiam ser considerados exemplares ou reprováveis na sociedade. Através dessa distorção, as tragédias abordam questões éticas complexas, desafiando as expectativas e normas sociais, e proporcionando uma reflexão crítica sobre o papel e a conduta das mulheres. Assim, as tragédias não apenas entretêm, mas também educam o público sobre as implicações éticas e sociais das ações humanas.

Contudo, embora a concepção da mulher grega abordada na época fosse predominantemente definida por atribuições subalternas às do homem, por meio dos personagens femininos nas tragédias gregas, os autores lidam de forma indireta com questões e conflitos predominantes na sociedade, utilizando as personagens femininas como meios para questionar e explorar a posição marginalizada das mulheres no período clássico. Sendo assim,

as mulheres aparecem como figuras trágicas que desafiam as expectativas de gênero e se posicionam contra o *status quo*, muitas vezes como protagonistas de suas próprias histórias. Nessas histórias, elas, frequentemente, mostram-se possuidoras de um tipo de liberdade de escolha que não era corrente no dia a dia das mulheres da época. No entanto, ao mesmo tempo, suas histórias servem como uma forma de perspectiva sobre a vida e os dilemas femininos, colocando em questão as normas sociais que governam o papel e comportamento das mulheres em relação ao casamento e à família na sociedade grega (FOLEY, 2003).

1.3 A MULHER NA TRAGÉDIA *HIPÓLITO*, DE EURÍPIDES

A tragédia *Hipólito* de Eurípidés revela nuances significativas sobre a visão da sociedade grega antiga (séc. V) em relação a mulher. A obra, destaca-se por apresentar um herói, Hipólito, que rejeita o campo de Afrodite, a saber, aquele do sexo e do casamento. A tragédia de Eurípidés, em certa medida, aponta a complexidade das relações entre homens e mulheres na Antiguidade.

O enredo escrito por Eurípidés envolve a vingança de Afrodite contra Hipólito, jovem que honrava apenas Ártemis (deusa virgem da caça e da vida silvestre). Afrodite, então, ressentida por não ter a devoção de Hipólito, faz com que a madrasta, Fedra, se apaixone por ele. Consumida pela paixão e ameaçada pela descoberta do enteado relativa ao fogo erótico que lhe consome, Fedra suicida-se.

Na passagem abaixo, Fedra reflete sobre a inevitabilidade do desejo, destacando a luta interna e o tormento emocional que sofre devido a uma força que está além de seu controle.

Muitos prazeres há na vida:
 as longas charlas, o ócio-doce mal-
 e o pudor (há dois: um não é ruim,
 o outro oprime. Se os casos fossem claros,
 não teriam os dois as mesmas letras).
 Assim, desde que nisso refleti,
 não há droga capaz de me fazer
 revoga-lo e mudar de opinião.
 O percurso de minha mente narro-te:
 Quando amor me feriu, busquei ver como
 Suportá-lo com brio. Comecei
 Por calar e esconder esta doença,
 Pois não se deve confiar na língua:
 Aos outros homens sabe dar conselhos,
 Mas para si consegue males múltiplos.
 Depois dispus-me a defrontar a insânia
 E derrotá-la pela temperança.

Enfim, pois nem com isso conseguia
 Dominar Cípria, resolvi morrer,
 A melhor – é inegável- decisão (E. Hipp. vv. 385-400).

Hipólito, por sua vez, é apresentado como um jovem que valoriza a pureza e a virtude acima de tudo, desprezando a influência de Afrodite e as paixões carnis que ela representa e, no trecho abaixo (vv. 620-650), observa-se o descontentamento expresso por Hipólito em sua súplica a Zeus. Nesse contexto, a presença da figura feminina é percebida como um elemento intrusivo, trazido por Zeus para o mundo de Hipólito. Essa conjuntura é interpretada pelo protagonista como um fator disruptivo, culminando em malefícios para sua casa. A análise destes versos permite inferir que, na perspectiva de Hipólito, a mulher é vista como um ser fraudulento, associado a malefícios e causador de perturbações na ordem estabelecida e, assim, a manifestação de Hipólito na trama perpetua a caracterização da mulher como um mal.

Por que trouxeste, Zeus, à luz do sol
 O mal da fraude, a fêmea? Se o objetivo
 Era a propagação da raça humana,
 Desnecessário fora usar mulheres,
 Mas que os mortais, depondo em teus santuários
 Ouro infrangível, bronze ou ferro, aos filhos
 Comprassem na semente pelo preço
 Conveniente a cada qual, vivendo
 Em moradias livres, sem a fêmea (E. Hipp. v. 620).

A complexidade desses versos reside nos simbolismos intrínsecos, revelando não apenas a visão individual de Hipólito na tragédia, mas também refletindo aspectos mais amplos da concepção grega sobre a feminilidade e, com efeito, o trecho citado acima revela a reverberação ainda presente sobre os ensinamentos hesíodicos. O recurso à súplica a Zeus denota não apenas a rejeição pessoal de Hipólito à presença feminina, mas também uma tentativa de legitimar sua aversão por meio da invocação da divindade máxima do panteão grego.

Ao analisar esta passagem à luz das normas e valores da sociedade da época, percebe-se uma demonstração do desprezo pela mulher, destacando-se como um elemento que, na visão do jovem, traz desordem e infortúnios. Aprofundar-se nesse contexto implica reconhecer que a tragédia de Eurípides oferece uma janela para compreender a complexidade das relações de gênero na Grécia Antiga.

Portanto, a tragédia *Hipólito*, não se limita a um mero conflito, mas também a atitudes arraigadas de desconfiança e aversão da representação da mulher na Antiguidade. Esse enfoque contribui para a construção de um panorama mais amplo, fundamentando a reflexão sobre a condição feminina na elaboração do pensamento grego clássico.

2. A EDUCAÇÃO DE HOMENS E MULHERES NO LIVRO V DA REPÚBLICA E SUAS IMPLICAÇÕES

A questão da educação de homens e mulheres conforme discutida por Platão no Livro V da *República*, estabelece-se em um diálogo entre Sócrates e Glauco, cuja uma das finalidades consiste em compreender as naturezas do homem e da mulher. No primeiro momento do Livro V, Sócrates e Glauco discutem a possibilidade de que ideias ou conceitos possam perder sua credibilidade ou eficácia quando colocados em prática: “Estas dificuldades, Glauco, e muitas outras parecidas, faz muito que as previ: daí por que sentia receio e vacilava em abordar a lei que deve regular a posse e a educação das mulheres e dos filhos” (Pl. R. v. 453d).

Eles reconhecem as limitações do conhecimento teórico e enfatizam a importância de considerar as implicações práticas. Destacam a necessidade de avaliar criticamente ideias e teorias à luz de sua praticidade, sugerindo que o que pode parecer lógico na teoria nem sempre se traduz bem em ação. Sócrates planeja desafiar as crenças ou argumentos de seu oponente em relação às diferenças de gênero nas atividades da cidade e apresenta a natureza dos calvos para exemplificar seu argumento:

Por conseguinte, cabe-nos também perguntar, parece, se a natureza dos calvos e a dos cabeludos são idênticas e, após convirmos que são opostas, proibir os cabeludos e exercer o ofício de sapateiro, caso os calvos o exerçam e, reciprocamente, impor proibição análoga aos calvos, se os cabeludos o exercem. (Pl. R. v. 454c)

Sócrates utiliza desta analogia para iniciar uma investigação aprofundada sobre a natureza do homem e da mulher em busca de uma concordância. Ao procurar esclarecimentos sobre esse ponto específico, Sócrates, de modo original, aborda sobre as mulheres receberem a mesma educação e treinamento físico que os homens, a fim de que estas atividades cumpram com as funções na guarda e na administração da cidade. No entanto, é importante notar que a abordagem de Platão não é necessariamente baseada em princípios de igualdade de gênero como entendemos hoje: a sua preocupação principal é a eficácia e a harmonia da cidade, e ele vê a igualdade de educação como uma maneira de otimizar a habilidade e a virtude dos guardiães, independentemente de serem homem ou mulher.

A argumentação enfatiza o pensamento crítico e o desejo de se envolver em um debate cuidadoso, recusando-se a aceitar generalizações sobre diferenças de gênero sem evidências ou exemplos concretos.

Se portanto, se evidencia que os dois sexos diferem entre si quanto às suas

aptidões para exercer certa arte ou certa função, diremos que é preciso consignar esta arte ou esta função a um ou a outro; mas se a diferença consiste somente no fato de a fêmea conceber e o macho engendrar, nem por isso aceitaremos como demonstrado que a mulher difere do homem sob o aspecto que nos preocupa, e continuaremos pensando que os guardiães e suas mulheres devem desempenhar os mesmos empregos. (Pl. R. v.454e)

Para a fundação da *Kalipolis*, a saber, a cidade justa e bela, Platão examina as ocupações e labores de cada sexo, pretendendo apresentar o que melhor seria para a constituição de uma sociedade justa. Investigado que tanto o homem quanto a mulher são igualmente capazes de executar determinadas funções conforme sua natureza, portanto, é preciso que na administração da cidade ambos participem de todos os trabalhos. À medida que Sócrates investiga e argumenta sobre a natureza humana, ele estabelece uma mudança de paradigma em relação à natureza do homem e da mulher, bem como a capacidade da mulher de exercer as mesmas funções dos homens. É interessante observar que no sistema proposto por Sócrates, homens e mulheres são submetidos ao mesmo processo educacional, o que pode ser considerado progressista para a época.

No desenrolar da investigação, o questionamento da natureza do homem e da mulher é de extrema importância para assegurar a justiça e o bem comum da cidade, em que cada pessoa possa exercer a função de sua natureza e, portanto, devem ser atribuídas as mesmas ocupações entre homens e mulheres. A igualdade de função dos guardiães, homens e mulheres, é abarcada por Platão em uma construção argumentativa que promove justiça para um bem comum, oportunizando o aproveitamento de todos os indivíduos da *polis*. Assim, a *polis* funcionaria como um corpo, pois, na cidade justa não há exclusão e os problemas que aparecem concernem à toda comunidade. Ora, o cerne da boa vivência na cidade consiste em compartilhar males e bens. Logo, quando um está mal, todos estão mal; se um está bem, todos estão bem. A *Kalipolis* de Platão é uma sociedade na qual cada indivíduo desempenha um papel específico de acordo com suas habilidades e aptidões. A repartição das funções é inferida em benefício de um bem comum, pois se trata da cidade compartilhada e todo o desenho e suas funcionalidades contemplam a educação comum dos homens e das mulheres. Desse modo, a eliminação da propriedade é essencial na sociedade em que tudo é comum, a saber, mulheres, bens e filhos⁶. Ao explorar as implicações da proposta de educação igualitária entre homens e mulheres na sociedade ideal, caracterizada pela cidade justa, Platão pretende demonstrar as vantagens dessa

⁶ Pl. R. v. 464c-d

educação para a cidade. Visto que para Platão independente do sexo do indivíduo, leva-se em consideração a natureza para cumprir uma determinada função:

Por consequência meu amigo, não há emprego concernente à administração da cidade que pertença à mulher enquanto mulher, ou ao homem enquanto homem; ao contrário, as aptidões naturais se distribuem igualmente entre os dois sexos, e é conforme à natureza que a mulher, tanto quanto o homem, participe de todos os empregos, ainda que seja, em todos, mais fraca do que o homem. (Pl. R. v. 455e)

Ao mesmo tempo, ele sinaliza para problemas reais na administração de Atenas naquele período. A cidade enfrentava grandes dificuldades na gestão de seus assuntos, refletindo uma administração muitas vezes ineficaz e desigual. Platão, através da sua proposta, evidencia que a exclusão das mulheres da educação e dos assuntos públicos contribuía para essas falhas administrativas, sugerindo que uma educação igualitária poderia melhorar a capacidade administrativa e a justiça na cidade. “Por conseguinte, a lei que estabelecemos não é impossível nem comparável a um vão desejo, visto que é conforme à natureza” (Pl. R. v. 456c). São apresentadas sugestões práticas e filosóficas sobre como educar os cidadãos, abrangendo tanto os aspectos físicos quanto intelectuais, a mulher guardiã teria acesso à educação apropriada tal qual o homem, participando de todo o sistema e realizando tudo em comum no que concerne à guarda da cidade, intentando um fim excelente em prol do interesse comum da polis.

Assim, as mulheres de nossos guardiães despirão as vestimentas, pois a virtude tomará o lugar destas; participarão da guerra e de todas as fainas que concernem à guarda da cidade, sem se ocupar de outra coisa; só que, no serviço, lhes atribuiremos a parte mais leve, devido à fraqueza do seu sexo. Quanto àquele que escarnece das mulheres nuas, quando estas se exercitam com vistas a um fim excelente, ele colhe o fruto do riso ainda verde: não sabe, aparentemente, do que escarnece, nem o que faz; pois há e haverá sempre razão de afirmar que o útil é belo e que nada é vergonhoso exceto o nocivo (Pl. R. v. 457b).

Com efeito, o primeiro caminho percorrido demonstra a fundação de uma *Kalipolis* com princípios que possibilitem excelente aproveitamento de todos os indivíduos, ao sugerir a inclusão das mulheres no processo educativo, para garantir uma cidade integral e indivisa. A exemplo dos guardiães, estes se contemplam como unidade e como bem comum a todos, de forma que a educação para eles seriam a mesma, pois no escopo da discussão está a justiça como princípio do bem comum.

Para isso, a *Kalipolis* deve ser composta por três classes principais: a dos governantes, dos guardiães e dos produtores. Os governantes são os filósofos-reis, que possuem conhecimento e sabedoria para governar de forma justa; os guardiães são responsáveis pela defesa da cidade, enquanto os produtores são responsáveis pela produção de bens e serviços necessários para a sociedade. Há uma ênfase na busca pela virtude e pelo bem comum. Os

governantes são obrigados a governar com base em sua capacidade de exercer o governo de forma justa e sábia, e não por hereditariedade ou riqueza. Além disso, Sócrates defende a igualdade sexual na cidade justa, permitindo que as mulheres também desempenhem papéis de regência, caso tenham natureza filosófica.

No entanto, é importante ressaltar que a *Kalipolis* é uma metáfora para discutir questões filosóficas e políticas, como a natureza da justiça e a busca pelo bem comum. A ausência de propriedade privada promove uma comunidade de bens, garantindo igualdade e prevenindo conflitos relacionados à riqueza e desigualdade. A educação desempenha um papel crucial nesse contexto, moldando os cidadãos de acordo com suas habilidades e talentos, visando o desenvolvimento de virtudes e competências essenciais para o desempenho de suas funções na sociedade justa.

A educação de homens e mulheres abordada por Platão demanda uma incursão mais profunda no caráter reflexivo desse encontro filosófico. Sócrates, enquanto condutor do diálogo, emerge como um arquiteto da reflexão, delineando uma visão educacional que transcende os limites da mera instrução, buscando moldar a alma dos cidadãos da Cidade Justa. Glauco, por sua vez, personifica a voz crítica, desafiando e questionando as premissas apresentadas por Sócrates, tornando o diálogo uma arena intelectual vibrante.

Ao mergulhar nas interações entre Sócrates e Glauco na *República*, percebe-se que a reflexão sobre a educação vai além de uma mera transmissão de conhecimentos. Sócrates, ao propor a formação da alma por meio da música, e do corpo, por intermédio da ginástica, busca forjar cidadãos virtuosos e justos. Este diálogo reflexivo revela não apenas a estrutura do sistema educacional platônico, mas também os valores éticos e sociais intrínsecos a essa visão.

A profundidade do diálogo torna-se evidente quando exploramos as implicações das teorias educacionais de Platão na construção da Cidade Justa. A reflexão sobre a igualdade de oportunidades para homens e mulheres na educação desafia as normas da sociedade da época, destacando o caráter inovador das propostas de Platão. Nesse sentido, a análise crítica desse diálogo permite não apenas compreender a visão platônica sobre a educação, mas também questionar como essas ideias podem informar a construção de sociedades justas e equitativas nos dias de hoje.

Platão sugere que as guardiãs na Cidade Justa deveriam receber uma educação igual à dos homens e *com* eles. A ideia subjacente é que ao receberem a mesma formação, as mulheres poderiam contribuir de maneira significativa para a sociedade, não apenas nos papéis

tradicionais, mas também nas funções bélicas, de serviços, de produção e políticas da cidade. Em uma de suas falas emblemáticas no que tange à procriação e à educação, Sócrates utiliza uma analogia com os mamíferos caninos para exemplificar a seus interlocutores a igualdade de funções entre fêmeas e machos:

Achamos que as fêmeas dos cães devem cooperar com os machos na guarda, caçar com eles e fazer tudo o mais em comum, ou que devem permanecer no canil, incapazes de outra coisa porque parem e alimentam os filhotes, enquanto os machos trabalham e assumem todo o encargo do rebanho? (Pl. R. v. 451d).

Assim, a discussão sobre a educação das mulheres na perspectiva platônica é, de certa forma, promotora da igualdade de gênero ao argumentar que a diferença entre indivíduos não está no sexo biológico, mas na *função natural*. Uma ponderação importante não apenas para descrever, como também explorar as camadas reflexivas do diálogo entre Sócrates e Glauco. Ao fazê-lo, busca-se não apenas interpretar as ideias de Platão sobre a educação, mas também demonstrar como essas reflexões filosóficas têm implicações duradouras na compreensão da formação moral e social dos indivíduos na busca pela justiça na Cidade Justa.

2.1 A DISCUSSÃO DA EDUCAÇÃO DA MULHER NA GRÉCIA ANTIGA

A Grécia Antiga era um epicentro de inovação intelectual e berço da filosofia ocidental. Este período, aproximadamente entre os séculos VI a.C. e IV a.C., foi marcado por um fervor intelectual que moldaria os fundamentos do pensamento ocidental. No contexto da educação das mulheres, a Grécia Antiga apresenta uma complexidade de perspectivas em que ideias filosóficas e normas culturais se entrelaçavam, delineando a posição das mulheres na sociedade e influenciando a compreensão de igualdade de gênero. A educação das mulheres ocorria predominantemente no ambiente doméstico e era voltada para a preparação das jovens para os papéis tradicionais de esposas e mães. Contudo, a esfera filosófica desafiou essas normas, inaugurando discussões sobre a capacidade intelectual das mulheres

A *pólis* grega, como unidade política fundamental, refletia valores que permeavam a educação e as relações sociais. Nesse cenário, a educação feminina, embora menos formalizada do que a masculina, desempenhava um papel vital na transmissão de valores culturais e habilidades domésticas. A poesia, a música e a dança eram componentes fundamentais da formação feminina, contribuindo para a preparação das mulheres para o casamento e a gestão do lar.

No entanto, o universo filosófico trouxe uma nova luz à discussão sobre a educação das mulheres na Grécia Antiga. Pensadores como Platão, Aristóteles e Sócrates, cujas ideias moldaram a própria estrutura do pensamento ocidental, também deixaram reflexões sobre o papel e a educação das mulheres. Platão desafia as normas de gênero ao propor uma educação igualitária para homens e mulheres. A ideia de que as mulheres deveriam receber treinamento físico, musical e filosófico semelhante ao dos homens sugere uma concepção inovadora para a época. Aristóteles, por outro lado, apresentava uma visão distinta em sua obra *Política*. Ele defendia que a natureza destinou as mulheres a funções específicas e que a educação delas deveria ser direcionada para cumprir essas funções. Aristóteles argumentava que enquanto os homens deveriam ser educados para a cidadania e a participação política, as mulheres deveriam ser instruídas para a gestão do lar⁷.

Sócrates e sua abordagem de questionamento e diálogo, registrada nas obras de seus discípulos, não só moldou a filosofia posterior, mas também influenciou as discussões sobre a educação. Embora não tenha deixado escritos, a figura de Sócrates é frequentemente associada a uma postura mais igualitária em relação à educação, o que pode ser observado no diálogo com Diotima em *O Banquete*. Diotima, que aparece como uma personagem sábia e instrutora de Sócrates sobre o amor, oferece um exemplo significativo de uma figura feminina em um papel educacional e intelectual, desafiando as normas da época:

... Agaton, considero encerrada essa discussão. A partir dos pontos em que Agaton e eu concordamos, passarei a reproduzir na medida do possível, as palavras que outrora ouvi de Diotima, sacerdotisa de Mantinea, entendida na matéria que estamos discutindo e em muitos outros assuntos. Ela retardou por dez anos a peste que os

⁷ Na obra *Política* de Aristóteles, a reflexão sobre a natureza da mulher emerge como um tema intrínseco à compreensão do funcionamento da sociedade e do papel desempenhado pelos diversos estratos sociais. Aristóteles, ao abordar a organização da polis, debruça-se sobre a estrutura familiar como uma célula fundamental dessa sociedade. Nesse contexto, a mulher é considerada, segundo Aristóteles, como um elemento complementar e subordinado ao homem na dinâmica familiar. A visão aristotélica sobre a natureza da mulher é permeada por uma interpretação biológica na qual as características físicas e as funções reprodutivas são centrais na definição de seu papel na sociedade. Na abordagem aristotélica, a mulher é associada à esfera doméstica, feita para o interior da casa (*oikos*) e à procriação, sendo sua participação na vida pública limitada. Essa perspectiva reflete a concepção de que a natureza feminina é mais próxima do privado, enquanto a natureza masculina é mais voltada para o público e para as atividades políticas. A justificativa aristotélica para essa distinção baseia-se na suposta inferioridade intelectual das mulheres em relação aos homens, uma concepção que, do ponto de vista contemporâneo, tem sido objeto de críticas pela sua fundamentação biologistica e sexista. Ao relacionar a visão de Aristóteles sobre a natureza da mulher, percebe-se que a representação feminina na obra reflete não apenas as crenças do filósofo grego, mas também os valores e normas de uma sociedade profundamente marcada pela distinção de papéis de gênero. Essa abordagem, embora seja uma peça essencial no quebra-cabeça da filosofia aristotélica, convida à reflexão crítica sobre como tais concepções impactaram a construção histórica da identidade feminina. Em última análise, ao explorar a natureza da mulher, segundo Aristóteles, é imprescindível contextualizar as ideias do filósofo no ambiente cultural e social de sua época, sem deixar de reconhecer as limitações e preconceitos que permeiam essas concepções. Essa análise crítica propicia uma compreensão mais profunda das raízes históricas das percepções sobre o feminino, possibilitando uma reflexão informada sobre a evolução dessas ideias ao longo do tempo e suas reverberações na contemporaneidade.

atenienses com sacrifícios tentaram afastar. (Pl. Smp., 201e)

Brazil (2021) aponta que o tema da feminilidade no *Banquete* concentra-se especificamente nos cinco primeiros discursos do diálogo. Ele argumenta que esses discursos contêm conteúdo valioso sobre o papel das mulheres na sociedade grega antiga, apesar de muitas vezes serem negligenciados. O diálogo explora a importância das figuras femininas, como a tocadora de aulo e a sacerdotisa, e sua representação em relação ao tema de Eros. Ele também examina o contexto social e cultural na Grécia antiga e sua importância como espaços para o crescimento intelectual e a transmissão de tradições culturais. Brazil destaca a ironia de excluir a tocadora de aulo do *Symposium*, já que sua presença é finalmente subvertida pela chegada de Alcibíades que perturba a atmosfera com a embriaguez. Em geral, enfatiza-se a complexidade e a heterogeneidade da feminilidade na Grécia antiga e a importância de considerar o papel das mulheres na sociedade além dos estereótipos tradicionais.

Além das reflexões filosóficas, a análise do contexto cultural da Grécia Antiga revela que a educação das mulheres estava profundamente enraizada nas normas sociais e culturais que governavam as diferentes *poleis*. Enquanto os filósofos como Platão ousavam imaginar uma sociedade onde as mulheres poderiam participar de maneira mais equitativa, a realidade social das cidades-estados gregas mostrava uma forte resistência a essas ideias. Em Atenas, por exemplo, a exclusão das mulheres dos espaços públicos e sua rejeição ao âmbito doméstico não apenas perpetuavam uma visão limitada de seus papéis, mas também reforçavam a ideia de que sua educação deveria ser confinada a essas esferas (FOLEY, 2003; RAGUSA, 2005).

No entanto, mesmo dentro desse contexto restritivo, existem indícios de que algumas mulheres, especialmente na aristocracia, conseguiam ultrapassar essas barreiras, adquirindo conhecimento e desempenhando papéis culturais e intelectuais, ainda que de maneira limitada. Esse cenário aponta para uma tensão constante entre a prática e a teoria, onde as ideias filosóficas sobre igualdade esbarram nas realidades sociais e culturais que resistem à mudança. Essa discrepância sugere que, enquanto os filósofos discutiam a possibilidade de uma educação igualitária, a sociedade grega, em grande parte, permanecia alheia a essas discussões, presa a concepções tradicionais sobre o papel da mulher (Pl. R. vv. 454d-455b).

O que emerge dessa análise é um panorama onde a educação das mulheres na Grécia Antiga não pode ser compreendida isoladamente de seu contexto cultural. As festividades religiosas, a arte e a literatura desempenhavam papéis fundamentais na formação das mulheres, mas esses elementos eram também limitados pelas mesmas estruturas que os definiam. A tragédia, como exemplificado por *Hipólito*, de Eurípides, expõe de maneira visceral as

ansiedades e os preconceitos da sociedade grega em relação às mulheres, oferecendo uma contrapartida dramática às reflexões filosóficas sobre a educação (E. Hipp. vv. 620-650). Enquanto Platão propõe, no âmbito teórico, uma reestruturação radical da sociedade em sua República (Pl. R. vv. 454d-455b), Eurípides nos lembra das profundas raízes culturais que dificultam qualquer transformação real.

Essa dualidade entre a filosofia e a cultura popular é crucial para entender a complexidade da questão. A filosofia, com sua capacidade de abstração e inovação, oferece um espaço para a imaginação de novas formas de organização social, mas a tragédia e outros elementos culturais populares servem como um lembrete poderoso das limitações impostas pela tradição e pelo medo do desconhecido. Assim, a reflexão sobre a educação das mulheres na Grécia Antiga deve reconhecer não apenas as propostas filosóficas de igualdade, mas também as forças culturais que atuavam contra essas propostas (Pl. R. vv. 454d-455b; E. Hipp. vv. 620-650).

A abordagem filosófica sobre a educação das mulheres na Grécia Antiga, portanto, não é apenas uma questão de transmissão de conhecimento, mas de uma luta constante entre as forças de inovação e as de conservação. A visão de Platão sobre uma educação mais igualitária, ao mesmo tempo em que revelava uma abertura para o novo, também estava imersa em contradições que refletem as tensões de sua época. A sua proposta, enquanto inovadora, permanecia confinada dentro de uma estrutura que ainda via as mulheres como "semelhantes inferiores", revelando as limitações da imaginação social da época (Pl. R. vv. 454d-455b).

Em última análise, a discussão sobre a educação das mulheres na Grécia Antiga nos desafia a pensar sobre as formas como as ideias filosóficas podem tanto influenciar quanto ser influenciadas pelas realidades culturais em que estão inseridas. A filosofia e a cultura, longe de serem esferas separadas, estão profundamente interconectadas, cada uma moldando e sendo moldada pela outra. O estudo da educação das mulheres na Grécia Antiga, portanto, não é apenas uma exploração histórica, mas uma investigação sobre as complexas relações entre pensamento, cultura e poder, que continuam a ressoar em nossas reflexões contemporâneas sobre igualdade e justiça social.

2.2 O IMPACTO DURADOURO NA HISTÓRIA E CULTURA

O impacto da Grécia Antiga na história e cultura é evidente na herança intelectual,

filosófica e social que moldou o desenvolvimento subsequente da civilização ocidental. As concepções sobre gênero que surgiram nesse período, marcadas por limitações impostas às mulheres, deixaram uma marca profunda e duradoura, influenciando atitudes, normas e estruturas sociais ao longo dos séculos. A restrição do acesso das mulheres à educação formal na Grécia Antiga teve implicações significativas para a evolução do pensamento e da cultura. A ausência de vozes femininas nas esferas intelectuais e filosóficas contribuiu para uma visão desigual sobre questões de gênero, perpetuando estereótipos e normas discriminatórias. Essas ideias, consolidadas em obras filosóficas, poéticas e literárias, moldaram a compreensão de papéis de gênero e contribuíram para a marginalização contínua das mulheres.

Ao longo da história, a reverberação dessas normas gregas antigas pode ser observada em diferentes contextos. Mesmo em períodos de avanço cultural e social, como o Renascimento, a persistência de estereótipos de gênero derivados da Grécia Antiga influenciou a estruturação das sociedades e as oportunidades oferecidas às mulheres (ALVES-JESUS, 2015). Essa influência se estendeu às esferas educacionais, políticas e profissionais, criando desafios contínuos para a conquista de igualdade de gênero.

Os escritos de Aristóteles, por exemplo, continuaram a ser uma referência na justificativa das diferenças de gênero, com sua afirmação de que as mulheres eram naturalmente destinadas a funções específicas, como a gestão do lar, enquanto os homens eram preparados para a vida pública e a cidadania (Arist. Pol. v. 1254b).

Além disso, a dualidade nas filosofias de igualdade aparente, mas com restrições práticas, refletiu a complexidade das mudanças sociais. A luta entre ideias progressistas e normas arraigadas deixou uma marca duradoura, influenciando a forma como as sociedades subsequentes abordaram as questões de gênero. As tensões presentes nas obras de filósofos como Platão serviram como base para debates posteriores, moldando a maneira como as mulheres eram percebidas e tratadas em diferentes períodos históricos (FRANKLIN, 2016). O impacto da Grécia Antiga na percepção de inferioridade das mulheres, associada a estereótipos negativos, também se perpetuou através das artes e da literatura, como na tragédia *Hipólito* de Eurípides, onde a figura feminina é frequentemente associada ao caos e à desordem (E. Hipp. vv. 620-650).

Essa visão moldou as atitudes culturais e estruturas sociais, resultando em desigualdades persistentes nas oportunidades e no tratamento das mulheres ao longo da história. No entanto, é importante notar que essas ideias também foram questionadas e reinterpretadas ao longo do

tempo. Movimentos feministas e revisões críticas da história e da filosofia têm desafiado essas normas, buscando resgatar as vozes femininas silenciadas e repensar a herança intelectual da Grécia Antiga de forma a promover uma compreensão mais equitativa e inclusiva das questões de gênero (FOLEY, 2003).

Em resumo, a herança da Grécia Antiga sobre as questões de gênero deixou um legado duradouro que continua a ser explorado e desafiado nos dias atuais. Compreender o impacto dessas normas na história e cultura é essencial para abordar os desafios contemporâneos relacionados à igualdade de gênero e promover uma sociedade mais equitativa e inclusiva. A análise crítica das tradições filosóficas e culturais herdadas da Grécia Antiga oferece uma base para reavaliar as estruturas de poder e gênero em nossa sociedade atual, incentivando o desenvolvimento de práticas educacionais e sociais que realmente reflitam os princípios de igualdade e justiça.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A volta aos textos clássicos e análise das reflexões filosóficas e culturais sobre o papel da mulher na Grécia Antiga, realizada ao longo deste trabalho, revela não apenas as raízes históricas das concepções de gênero, mas também a complexidade e as contradições presentes na formação dessas ideias. A Grécia Antiga, como berço da civilização ocidental, deixou um legado intelectual imenso que, ao mesmo tempo que promoveu a inovação e o avanço do pensamento, também perpetuou normas sociais excludentes e hierarquias de gênero que ressoam até os dias de hoje.

Por meio da investigação das obras de Platão, ficou evidente que, apesar de algumas propostas inovadoras para a época, como a educação igualitária sugerida por Platão em *A República*, a visão predominante na Grécia Antiga era de uma sociedade em que as mulheres eram relegadas a papéis secundários. A releitura dos textos clássicos pode nos ajudar a refletir sobre as discussões contemporâneas acerca da igualdade, questionando até que ponto nossas abordagens atuais são menos radicalizadas do que no passado. Em Platão, por exemplo, o debate só é possível dentro da comunidade após a abolição da esfera privada (diluição da propriedade), o que, na sociedade ideal, significaria o fim do privado, inclusive da família, restando apenas a pólis em comum.

Por outro lado, Aristóteles, embora seja de um período posterior a Sócrates, em sua obra *Política* reforça a ideia de que a natureza destina as mulheres a funções específicas, principalmente domésticas, o que justificaria sua exclusão das esferas públicas e cívicas. Essas concepções filosóficas contribuíram para a consolidação de normas de gênero que se perpetuaram ao longo dos séculos, influenciando profundamente as sociedades ocidentais subsequentes.

A literatura e os mitos gregos, como visto nas tragédias de Eurípides, também configuraram um importante retrato da perpetuação dessas normas. Em *Hipólito*, por exemplo, a figura feminina é frequentemente associada ao caos e à desordem, refletindo as ansiedades e preconceitos da sociedade grega em relação às mulheres. Esses retratos literários não apenas refletiam as normas sociais, mas também as reforçavam, contribuindo para a marginalização contínua das mulheres na vida intelectual e cívica.

As implicações desse legado são vastas e se estendem muito além do período clássico. A perpetuação de estereótipos de gênero derivados da Grécia Antiga pode ser observada em

diferentes contextos históricos. Mesmo em tempos de avanços culturais e sociais, a influência dessas normas continuou a moldar as oportunidades oferecidas às mulheres e a maneira como elas eram percebidas na sociedade.

No entanto, é essencial reconhecer que essas ideias não permaneceram incontestadas. Movimentos feministas e revisões críticas da história e da filosofia têm questionado e reinterpretado essas tradições, buscando resgatar as vozes femininas silenciadas (e assim promover uma compreensão mais inclusiva e equitativa das questões de gênero. Essas revisões não apenas desafiam as normas estabelecidas, mas também abrem espaço para novas formas de pensar e estruturar a sociedade, onde a igualdade de gênero seja realmente alcançada.

Portanto, a reflexão sobre o papel da mulher na Grécia Antiga, embora centrada em um período histórico específico, oferece reflexões valiosas para as discussões contemporâneas sobre igualdade de gênero. A investigação das raízes filosóficas e culturais das desigualdades de gênero não só ilumina o passado, mas também fornece as ferramentas necessárias para enfrentar os desafios do presente e construir um futuro mais justo e inclusivo.

A continuidade dessa análise crítica, que integra passado e presente, é essencial para a compreensão das dinâmicas de gênero na sociedade. O estudo da educação das mulheres na Grécia Antiga, assim como a representação das mesmas na literatura e na filosofia, nos desafia a reconsiderar as bases sobre as quais as normas de gênero foram construídas e a questionar as estruturas de poder que ainda hoje moldam nossas vidas. Ao avançarmos nesse processo de reflexão, podemos não apenas entender melhor o legado da Antiguidade, mas também contribuir para a transformação das sociedades contemporâneas, rumo a uma realidade onde a igualdade e a justiça social sejam plenamente realizadas.

REFERÊNCIAS

- ALVES-JESUS, S. M. O papel das mulheres em A República de Platão (livro V): utopia no feminino ou tópicos para uma reflexão propedêutica sobre Direitos Humanos. **Brotéria**, v. 180, n.º 3, p. 237–250, 2015.
- ARISTÓTELES. **Política**. Tradução: António Campelo Amaral. Ed. bilingue, 1. ed. em portug. feita a partir do grego ed. Lisboa: Vega, 1998.
- BRAZIL, V. T. F. Imagens do feminino no banquete de Platão: Sócrates e a Flautista. **Kínesis - Revista de Estudos dos Pós-Graduandos em Filosofia**, v. 13, n. 35, p. 384–396, 17 nov. 2021.
- EURÍPEDES. **Hipólito**. Tradução: Trajano Veiga. São Paulo/SP: Editora 34, 2015.
- FOLEY, H. P. **Female acts in Greek tragedy**. 3rd print., and 1st paperback print ed. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 2003.
- FRANKLIN, K. Aristófanés e Platão: discursos sobre a mulher na Antiguidade. **Nuntius Antiquus**, v. 12, n. 1, p. 91–116, 24 jun. 2016.
- HESÍODO. **Os Trabalhos E Os Dias**. Tradução: Alessandro Rolim de Moura. Curitiba/PR: Segesta, 2012.
- HESÍODO. **Os Trabalhos E Os Dias**. Tradução: Mantovaneli, L. O. São Paulo/SP: Odysseus, 2011.
- HESÍODO. **TEOGONIA - A origem dos deuses**. Tradução: Jaa Torrano. 3ª ed. São Paulo/SP: Iluminuras LTDA, 1995.
- PLATÃO. **A República De Platão**. Tradução: Guinsburg, J. São Paulo: Editora Perspectiva, 2018.
- PLATÃO. **O Banquete**. Tradução: Donaldo Schuler. Porto Alegre/RS: L&PM POCKET, 2012.
- RAGUSA, G. **Fragments De Uma Deusa - a Representação De Afrodite Na Lírica De Safo**. [s.l.] Editora da Unicamp, 2005.
- SAFO. **Poemas E Fragmentos**. Tradução: Joaquim Brasil Fontes. São Paulo/SP: Iluminuras, 2003.